



S. Mary Maher, SSND  
Fevereiro 14, 2015

## *Provincia da América Latina e Caribe*

### *O Carisma Vivo e a nossa Identidade Congregacional*

- ❖ **Introdução**
- ❖ **O Conceito de Carisma**
- ❖ **Carisma e “ história profunda”**
- ❖ **Nossa Experiência de Tentar Definir Carisma**
- ❖ **O Carisma Re-inventado Hoje**
- ❖ **O Carisma: O Encontro da nossa Profunda História com as Necessidades Urgentes dos nossos Tempos**
- ❖ **Implicações para Discernimento-Ministerial, Administração de Recursos e Formação**

### **Introdução**

Hoje e amanhã vocês, como província, focarão sobre tópicos que são essenciais para a nossa vida e missão: discernimento ministerial, administração de recursos ( pessoal, finanças, propriedades ministérios), e Formação. Em todos estes casos estaremos envolvidas no discernimento do nosso futuro. Discernimento, como sabemos, envolve coleta de informações. Precisamos estar informadas se quisermos discernir bem.

Esta manhã eu gostaria de encaminhá-las para os próximos dias para refletir sobre a informação mais profunda que precisamos para o discernimento do nosso futuro: **precisamos saber quem somos**. Quem somos, Irmãs Escolares de Nossa Senhora? Qual é a nossa identidade como uma comunidade *especial* de discípulas que são enviadas ao mundo para servir e trabalhar em nome de Jesus Cristo?

Eu me lembro dizendo no encontro de líderes e formadoras, reunidas em Roma último agosto, que conhecer nossa identidade é importante porque se não sabemos quem somos, então tudo o que fazemos na Formação Inicial está sujeito a falhar. Se a compreensão da nossa identidade é tão estreita que não tem espaço para a diversidade cultural, não podemos acolher e sermos enriquecidas, mutuamente, pelos novos membros que vêm a nós hoje. Se nossa compreensão da nossa identidade é tão ampla que permite qualquer coisa, sem conteúdo particular que dizemos ser nosso, então a Congregação morrerá.

Isso também é verdadeiro para discernimento-ministerial: O que fazemos deve ser coerente com o que somos! Também é verdadeiro para discernir sobre como usar nossos recursos: Por que gastar dinheiro, tempo e energia das nossas Irmãs nisto e não naquilo? A razão deve levar em conta nossa identidade. Sendo assim...

Qual é a nossa identidade?

Para começar a explorar isso, eu gostaria de convidá-las para um simples exercício. Não é algo que precisam partilhar. Gostaria apenas que cada uma fizesse para si mesma. Tomem alguns minutos para anotar três coisas mais importantes que você gostaria de dizer sobre nossa identidade como Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Em outras palavras, quais são as três características mais importantes da nossa identidade congregacional que você gostaria de partilhar com qualquer pessoa que perguntar – quem somos?

Apenas coloquem isso de lado, terão tempo para olhar isso mais tarde.

## O Conceito de Carisma

Desde o Concílio Vaticano Segundo, nós acostumamos usar a palavra “carisma” para tentar descrever a singularidade de cada congregação religiosa. É interessante observar que a palavra “carisma” não se encontra na *Perfectae Caritatis*, o documento conciliar sobre a renovação da vida religiosa que foi a carta magna para todos os nossos esforços de renovação nas recentes décadas. O Vaticano II ao invés, falou do “*espírito dos fundadores*” como um princípio de renovação e refundação, juntamente com a fidelidade ao Evangelho e uma leitura atenta aos sinais dos tempos.<sup>1</sup>

Nas formas em que usamos o termo agora (isso é, como “carisma dos fundadores, ou “carisma da congregação”), a palavra parece ter aparecido pela primeira vez num discurso do Papa Paulo VI em 1971. Alguns anos mais tarde, em 1996, na *Vita Consecrata* do Papa João Paulo II, aparece 86 vezes o termo carisma.

Todas nós fomos influenciadas pela evolução deste conceito. Porém, não fomos bem orientadas em pensar em carisma como uma realidade estática, um dom dado à Madre Teresa e passado a nós inalterado. Essa compreensão divorceria o conceito de carisma da nossa experiência vivida, principalmente como se desenvolveu historicamente nos contextos de circunstâncias em mudança.

---

<sup>1</sup>Vejam Margaret Susan Thompson, “ ‘Carisma’ ou ‘história profunda’? Para uma compreensão mais clara do crescimento da vida das Religiosas na América no século XIX,” página 1. Este é um documento dado na Conferência da História das Religiosas, em Chicago, Junho 1998.

*Vós Sois Enviadas* é de extrema ajuda em relação a isto, principalmente na sua abertura ao desenvolvimento histórico do nosso carisma. Olhemos, juntas, no Prólogo. [Tomo esta oportunidade, queridas irmãs, para dizer o quanto o nosso discernimento para orientações futuras pode ser ajudada pela oração com o Prólogo de *Vós Sois Enviadas*.]

“Nosso carisma, dom do Espírito, foi *encorporado em*” Madre Teresa. Como é expresso na sua língua? Observem a palavra que é usada. Em inglês é traduzida como *embodied in*.

Depois, *Vós Sois Enviadas* lista aspectos do nosso carisma. Apresenta um conteúdo: unidade, Eucaristia, pobreza, Maria, buscando a vontade de Deus, lutando pela unidade, respondendo a necessidades urgentes, preferindo os pobres, educando com uma visão mundial . . . “Nestes dons do Espírito da nossa fundadora. . . reconhecemos o desenvolvimento do carisma da nossa Congregação.”

Brilhante! *Encarnado em* Madre Teresa, porém se desenvolvendo. Há um conteúdo aqui. Foi encarnado em Madre Teresa e se desenvolve conforme as circunstâncias históricas mudam.

De onde vem? *Vós Sois Enviadas* diz: ele “emana” da nossa herança espiritual. Há um conteúdo nisso. Não é o mesmo conteúdo dos Franciscanos ou dos Dominicanos. É uma junção de influências diferentes. É nosso como Irmãs Escolares.

Depois, a última parte, “nosso carisma *continua a se desenvolver na vida comunitária* . . .”

Para algumas, isso pode parecer muito vago e escorregadio. Não deveríamos fazer apenas aquilo que Madre Teresa fazia? Como o nosso carisma continua a se desenvolver, e como sabemos que somos fiéis ao que somos?

Eu imagino que todas nós, em algum momento nos foi pedido para descrever quem somos como congregação. Eu imagino que todas nós damos belas respostas a esta pergunta. Mas, deixa-me perguntar. Vocês talvez saíram destas conversações se perguntando: *Eu disse as coisas certas? Eu disse tudo o que devia ter dito? Deixei de dizer algumas coisas? Esta é apenas a minha versão de quem nós somos?*

Como podemos dar sentido, pelo fato de parecer que não somos capazes de definir nosso carisma da forma que nos torna capazes de senti-lo numa definição clara?

Em 1989 ( Padre Marianista) Bernard Lee escreveu um artigo, que desde então se tornou muito importante para mim- o título é: “Uma Teologia Sócio- Histórica do Carisma.”<sup>2</sup> Nele ele diz:

A ‘recuperação do carisma’ pode ser um dos fardos mais insuportáveis e desnecessários que uma instituição religiosa foi exigida a suportar, porque não pode ser feito. Carisma não é uma propriedade. Não é uma possessão. Não pode ser transferido, não pode ser transmitido, e não pode ser controlado. Carisma é um fenômeno profundamente sócio-histórico. Não pode ser duplicado em qualquer outro tempo ou lugar.

Sempre que o carisma se repetir em alguma tradição histórica, ele é *reinventado* numa nova configuração sócio-histórica.<sup>3</sup>

<sup>2</sup> *Revisão para Religiosas* (Janeiro - fevereiro, 1989): 124-135.

<sup>3</sup> Lee, 1989, pag. 124; ênfase meu.

Queridas Irmãs, esta é a idéia mais importante para guardar em mente quando estamos discernindo o futuro dos nossos ministérios ( e a administração dos nossos recursos).

Aqui está o ponto principal: Somente quando realmente abarcarmos estas características do carisma – isso é – Quando ele é profundamente histórico, acontecendo num tempo e lugar específico e não transferível para outro tempo e lugar – podemos legitimamente fazer a pergunta importante: O que precisamos fazer para ter nosso carisma fundacional – esse dom maravilhoso de Deus para a Igreja e para o mundo da Baviera do século XIX, através de Madre Teresa e Bispo Wittmann – reinventado para este tempo e lugar, aqui e agora na África, Ásia, Europa, Oceania, América do Norte, América Latina e Caribe, do século XXI?

Essa é a pergunta do dia!

Eu as convido a tomar tempo para absorver o ponto básico do Padre Lee: Uma comunidade não possui o carisma como uma propriedade. Fiquem com isso por um momento. Nós não possuímos nosso carisma como uma propriedade. Carisma é mais na natureza de um evento. Carisma acontece.

Eu penso que isso pode ajudar-nos a dar sentido pelo fato que nos sentíamos incapazes de definir nosso carisma de uma forma que todas pudessem dizer: “ Sim, é isso! Esse é o nosso carisma.”

Quando falamos do nosso carisma, precisamos entender que não o estamos recuperando ou definindo abstratamente para ser transferido ou aplicado em todos os tempos e lugares na vida da congregação. Mas antes, o que precisamos - é re-inventar nosso carisma em cada tempo e lugar. Carisma não é um potencial esperando para se realizar. Mas antes, Carisma é um acontecimento da graça nascido numa específica situação histórica.<sup>4</sup> É um evento profundamente relacional, recrutando o espírito que Deus deu a nós à nossa Congregação para responder a uma necessidade desesperadora na nossa situação particular de mundo. Carisma é um *acontecimento* que nós co-criamos com Deus, colocando-nos à disposição para esta ligação entre o espírito e a realidade.

## Carisma e “História Profunda ”

Para explorar esta ideia um pouco mais, vamos olhar para o que a nossa Congregação tem. Possuímos o que é chamado de “profunda história,” uma estrutura narrativa, um espírito encarnado único. Assim, chamada de “profunda história” é uma história partilhada que todas nós reconhecemos como nossa identidade de grupo, mas que nenhuma de nós pode expressar sem dúvida alguma.

Esta história, esta singularidade, é um dom de Deus. É “ uma condição necessária para o carisma, mas a história não é o carisma.”<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Bernard Lee, O Bater das Grandes Asas, (Mysticismo, CT: XXIII Publicação, (2004), p.16.

<sup>5</sup> Lee, 1989, p.125

Para ajudar-nos a entender essa ideia, o Padre Lee nos convida a participar numa experiência de pensamento: Pede a um grupo de vinte Irmãs Escolares para nomear os três critérios mais importantes da nossa vida. Certamente não vai haver duas respostas totalmente idênticas. Depois faça o mesmo com quatro outros grupos de religiosos – Franciscanas, Irmãs da Caridade, Jesuitas,... a quem você quiser. Os resultados que ele prevê são esses: Depois de ler as cem respostas, qualquer Irmã Escolar seria capaz, sem errar, a identificar quais são as respostas das IENS. Além disso, ele também é convencido que isso seria verdadeiro, se as respostas coletadas fossem de uma variedade de nossas províncias, culturas e países – digamos, um grupo internacional de Irmãs Escolares. E Lee acredita, que organizando as coletas das características mais importantes listadas, os Franciscanos seriam capazes de identificar suas respostas, as Irmãs de Caridade suas, e assim por diante.

Isto funciona porque as comunidades têm uma profunda história na qual os membros são socializados - mesmo os ‘membros à margem’ assim chamados porque, como Lee afirma, “margem é a margem de alguma coisa! ...No fundo sob todas as diferenças em qualquer comunidade existe uma história partilhada que os participantes reconhecem. Eles não só a reconhecem, como experienciam o mundo das suas perspectivas.”<sup>6</sup>

Nós percebemos isso muito claramente nos diálogos de âmbito congregacional que nos preparam para os Capítulos Gerais. De toda a Congregação – de todas as províncias - respostas similares se repetem numa variedade de formas, às perguntas referentes aos nossos valores e o foco necessário para o nosso futuro.

Agora, alguém poderia argumentar, que esses resultados eram esperados, depois de mais de trinta e cinco anos de crescimento e orientação para o diálogo e conversação internacional sobre os desafios de responder ao mundo moderno. Porém, nós também vimos nossa profunda história expressa maravilhosamente, no início da nossa história moderna.

Em fevereiro de 1970, numa segunda sessão do Capítulo Geral especial de renovação,<sup>7</sup> as delegadas foram perguntadas sobre que elementos da vida da Irmã Escolar *deviam constar na nova constituição*. Os pequenos grupos, formados de Irmãs de diversas culturas, bastante incomum para um diálogo internacional, voltaram com uma unanimidade assombrosa nas suas respostas. Aqui estava a nossa profunda história em evidência, expressa naquela época nos 23 parágrafos da primeira versão de *Vós Sois Enviadas*.<sup>8</sup> Aqui estava a nossa identidade como congregação, expressão da nossa história profundamente formada, o efeito da nossa “formação” na nossa herança, o dom de Deus empregado no estilo de nossa vida, constituindo o que significa ser Irmã Escolar de NossaSenhora.<sup>9</sup>

Lee obtém essa noção de história profunda da teoria estrutural em antropologia que oferece um método para interpretar a identidade de grupos. O que esta teoria sugere é que a identidade grupal esteja enraizada numa estrutura narrativa, isto é, em modelos repetitivos de relacionamentos e atividades sociais. A estrutura narrativa de qualquer grupo complexo e interessante; porém, é extremamente ilusória porque é instintiva e inconsciente até mais que deliberada e auto-consciente.<sup>10</sup>

<sup>6</sup> Lee, 1989, p.125

<sup>7</sup> A primeira sessão foi em outubro de 1968 na qual Madre Georienne foi eleita.

<sup>8</sup> Mais tarde se percebeu que havia grande divergência entre os textos de inglês e alemão. Porém, isso não significava que as respostas referentes ao que constitui a vida das IENS se opunham, não, elas eram semelhantes em todas as culturas e províncias.

<sup>9</sup> Veja Lee, 2004, *O Bater das Grandes Asas, Cap 11*, “A História Profunda e a Possibilidade do Carisma,” pp.16-35, especialmente p.24.

<sup>10</sup> Lee, 1998, p. 126.

Neste sentido, a história profunda, (ou os modelos e estruturas do nosso ser como grupo), não pode ser contado. Nossa história profunda só pode ser revelada nas histórias particulares que são formadas fora dela. A história profunda encontra-se muito profundo em nossa consciência para ser contada diretamente. Na verdade, ela *forma* nossa consciência mais do que estar entre os fatores da nossa identidade dos quais somos conscientes.<sup>11</sup>

Lee está tentando falar sobre um certo “estilo” ou “forma de ser” que caracteriza a nós Irmãs Escolares de Nossa Senhora, como grupo. A história profunda dá a configuração de *como* experienciamos, não apenas *o que* experienciamos. Este *como* corresponde ao *estilo*. Há um estilo de vida religiosa que é distintamente nosso.

Eu gostaria de elaborar duas implicações desta análise. Primeiro, ela nos ajuda a entender algumas coisas da frustração dos nossos esforços para esclarecer nosso carisma.

Segundo, temos que voltar para a pergunta que mencionei anteriormente: O que precisamos fazer para re-inventar nosso carisma para este momento e lugar? O que precisamos fazer para re-criar, re-encarnar nosso carisma fundacional – esse dom maravilhoso de Deus dado à Igreja e ao mundo do século XIX através de Madre Teresa e Bispo Wittmann na Baviera – aqui e agora para a Igreja e mundo da África, Ásia, Europeia, Oceania, América do Norte, América Latina e Caribe, do século 21?

## Nossa Experiência de Tentativas para Definir Carisma

Nesta era maravilhosa de interagir com religiosos e religiosas de outras congregações, de maneiras e contextos tão diversos, já tiveram a experiência de tentar distinguir nosso carisma do carisma de outras congregações religiosas que usam linguagem semelhante para descrever o seu?

O Conselho Geral usa os serviços de uma facilitadora brilhante, Irmã Brid Long, por exemplo. Ela é uma Irmã de St. Louis. O lema da sua comunidade é: *ut unum sint* = “que eles sejam um.” O carisma delas é unidade. Numa ocasião, eu disse que, um elemento essencial do nosso carisma é unidade, ou, mais precisamente, *a luta por* unidade, – desejando, como Madre Teresa, a unidade de todos em Deus. Mas, eu sei que não sou uma Irmã de St. Louis.

Qual é a diferença? A diferença está na profunda história, nos modelos instintivos e estilos inconscientemente assimilados entre as Irmãs Escolares de Nossa Senhora e as Irmãs de St. Louis.

Isso é difícil identificar. Cada vez que tentamos articular nossa identidade tão eficazmente quanto é possível, nós enfrentamos nossa incapacidade de captar todo mistério. Certamente *Vós Sois Enviadas* é uma expressão maravilhosa, tentando nos aproximar da compreensão da nossa história profunda. Mas, todas temos consciência de que, enquanto a constituição não for encarnada mais ou menos fielmente por nós, nas nossas situações reais, ela permanece apenas palavras bem elaboradas.

Estamos falando sobre espírito e identidade profundamente formada.

---

<sup>11</sup> Lee, 1989, p. 126; here Lee quotes Stephen Crites, “The Narrative Quality of Experience,” *Journal of the American Academy of Religion*, 39 (1971): 295.

Diante da dificuldade de definir nossa identidade, uma escritora muito popular nos Estados Unidos que tem escrito diversos e ótimos livros e inúmeros artigos sobre a vida religiosa, sustenta que não há, necessariamente, de comunidade saber definir, com precisão e explicitação, seu carisma particular. Ela diz que congregações apostólicas, como a nossa, fundadas no século 19, gastaram tempo demais, tentando descobrir, ressaltar, esclarecer e distinguir seus respectivos carismas.<sup>12</sup> Na verdade, somos todas muito parecidas.

Neste ponto eu discordo dela. O problema não é que gastamos tempo e energia demais tentando definir nossa exclusividade/singularidade como congregação. O problema é que olhamos no lugar errado. A ideia de re-criar o carisma trazendo nossa profunda história para uma relação eficaz com as necessidades do mundo, pode livrar-nos de uma auto-absorção sufocante, e pode colocar-nos em contato com o chamado de Deus, de uma forma vital para a re-fundação da congregação nos muitos contextos diferentes, onde vivemos e trabalhamos.

Assim, eu não sinto que colocamos energia demais na busca de definir nosso carisma IENS. Sinto, que talvez, tenhamos colocado nossas energias no lugar errado.

Assim, onde está o lugar certo para empregar nossas energias na busca de quem somos e quem devemos ser no mundo de hoje?

## Re-inventando o Carisma Hoje

Precisamos olhar *não para nós mesmas, mas, para o mundo*, para as necessidades concretas, reais, específicas da situação do mundo no qual nos encontramos. E precisamos fazer isso das profundezas da nossa história profunda, da nossa identidade única, instintiva como Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Quando estas duas se encontrarem - nossa história profunda e as necessidades urgentes do nosso tempo - de uma forma real e efetiva, o carisma acontecerá, será re-inventado ou re-criado.

Esta é uma questão de discernimento. A situação do mundo mudou tanto desde o nosso carismático movimento fundacional. Se a congregação é para ter um futuro nos nossos diversos lugares, eu acredito profundamente, que precisamos engajar-nos no discernimento comum que começa, não conosco mesmas, mas no contexto de mundo lido da perspectiva de Deus, da nossa história profunda como seguidoras de Cristo e Irmãs Escolares de Nossa Senhora. O foco de tal discernimento é determinar de como NÓS ( não cada uma como indivíduo, mas como NÓS , como comunidade religiosa única) somos chamadas a responder aos sinais dos tempos.

Sem esse discernimento, que possivelmente é usado num plano – será que ousar dizer? - para um plano de missão, um plano ministerial, para os diferentes lugares – temo que por omissão nós nos resignamos simplesmente para prender-nos à nossa forma de vida presente até que a última Irmã morre.

Acredito que é preciso uma pergunta aberta, se podemos ou não fazer isso. Podemos arriscar a abertura para uma leitura, em profundidade, dos sinais dos nossos tempos? Estamos dispostas a arriscar uma resposta comunitária da nossa rica herança, da nossa história profunda, como Irmãs Escolares de Nossa Senhora?

---

<sup>12</sup>Sandra Schneiders, Encontrando o tesouro: *Situar a Vida Religiosa Católica num novo Contexto Eclesial e Cultural*, (New York: Paulist Press, 2000), p.300; vej tb. pp 298-9.

O seu Conselho Provincial, chamou-as corajosamente para responder sim a essa pergunta. Elas estão levando-as para processos comuns de priorizar ministérios e planejar o uso de seus recursos. Estes processos tomam tempo e esforço. Vocês –seguirão *Vós Sois Enviadas*. Vão-se engajar através das assembleias provinciais e diálogo da sua área. E, no final, o conselho tomará as decisões finais. É um processo essencial, e terão o apoio do conselho geral em todos os passos.

Em relação a novas vocações e o futuro, gostaria de dizer que se pudermos responder sim à pergunta sobre arriscar este discernimento, nós vamos inspirar mulheres para se unir a nós. Sabemos da nossa experiência que elas vêm a nós quando elas percebem como a nossa história profunda responde às necessidades dos nossos tempos.

Lee escreve, “Cada momento carismático reflete o clamor da época.” E, “o clamor de uma época nunca é idêntico ao clamor de qualquer outra época.”<sup>13</sup> Naturalmente, há sempre preocupações existentes através dos tempos, mas carisma não é uma festa móvel, conforme ele coloca.

Às vezes, gostamos de pensar que Madre Teresa e Madre Carolina eram tão dotadas que estavam à frente da sua época. Acredito que é mais verdadeiro dizer que elas estavam tão sintonizadas com sua época e necessidades do seu tempo, que a sua resposta produziu verdadeiramente um movimento carismático que se tornou a congregação no caso de Madre Teresa; e no caso de Madre Carolina, se tornou a expansão da congregação na América do Norte. Este foi o carisma fundacional. Ele não pode ser repetido, apenas re-inventado por um encontro de necessidades urgentes do *nosso* tempo, com nossa história profunda, nossa identidade comum.

Irmãs, vocês podem fazer isso como província. Vocês podem! Querem? Estão dispostas?

## **Carisma:O Encontro da nossa história Profunda com as Necessidades Urgentes da nossa Época**

No passado, eu tenho usado uma imagem útil para este encontro efetivo da história profunda e o clamor do nosso tempo.<sup>14</sup> Considerem esta linda tigela sonora. Ela representa nossa profunda história como congregação religiosa das Irmãs Escolares de Nossa Senhora. Aqui, na minha outra mão, temos este padálo(martelo) de madeira que representa as necessidades urgentes, os clamores do nosso tempo histórico e lugar específico. Agora vamos bater o gongo. O som é o nosso carisma, o concreto encontro histórico do dom de Deus dado a nós com as necessidades urgentes da época.

Foi isso que Madre Teresa fez. Ela levou o dom que Deus lhe havia dado para responder às necessidades urgentes pela educação da mulher e dos pobres para a transformação da sociedade. Ela bateu o gongo. E o som ressoou por gerações ao redor do mundo. Ele ressoou em nós. Nós o levamos em frente. Ainda hoje ressoa.

---

<sup>13</sup> Lee, 2004, p.27

<sup>14</sup> Sister Barbara Valukas (AM) sugeriu –me esta imagem uns vinte anos atrás ou mais



Pensem em todos os exemplos que puderem enquanto fazemos isso. Olhem ao redor da sala e reflitam como cada uma das suas unidades anteriores foi formada. Contemplem onde servimos e o que estamos fazendo hoje.

Quando usamos uma tigela sonora bem trabalhada ou um gongo, um com ressonância que persiste nas ondas do ar depois que foi batido com o padalo, esta imagem pode ser muito eficaz em ajudar-nos a entender carisma como um acontecimento. O som é o nosso carisma - o encontro eficaz, agraciado pelos dons de Deus com as necessidades concretas das diferentes épocas e contextos históricos. Várias coisas podem ser usadas para soar um gongo. Assim, também, muitos lugares e povos diferentes e suas necessidades, moveram historicamente o nosso carisma.

Cada Irmã Escolar pode celebrar exemplos, que a inspiraram e nas quais participou. Vou mencionar alguns exemplos óbvios:

- A congregação floresceu na Baviera e em outros lugares da Europa durante a vida de Madre Teresa. No momento de sua morte, “ mais de 2.500 Irmãs Escolares de Nossa Senhora estavam vivendo a vida religiosa de acordo com o seu espírito.” (*Origens da Nossa Congregação*). Contudo, as necessidades sempre pareciam exceder nossos números. Em tantas cidades, estados e países na Europa, alguns ainda se desenvolvendo hoje, o gongo soou. Eram lugares com necessidades semelhantes para educação de meninas, lugares diferentes da Baviera, lugares com suas próprias cores, sons e ritmos.
- Em 1847, outro som do gongo aconteceu quando um pequeno grupo de missionárias foi para América do Norte para ensinar crianças de imigrantes. Novas cores, novos sons, novos ritmos. Ela floresceu.
- Em 1915, as Irmãs da América do Norte saíram do seu país pela primeira vez para Porto Rico, para responder a urgente necessidade para educação dos pobres. Novas cores, novos sons, novos ritmos. E floresceu em toda a ilha.
- Nos anos de 1930, irmãs de várias províncias da Europa foram para o Brasil e Argentina. Mais uma vez, novas cores, novos sons, novos ritmos. Tudo floresce ainda hoje. Vocês ainda podem ouvir o ressoar do gongo.
- Em 1948, Irmãs de St. Louis foram para o Japão. **1948**. Sete anos depois que o Japão foi bombardeado pela base naval dos E.U. no Pearl Harbor nas ilhas do Havaí, e três anos após o bombardeio atômico sobre as duas cidades no Japão. Que não aconteça, que depois disso, alguém possa dizer – não podemos ir aqui ou acolá porque a história é demais sofrida. Japão. Mais uma vez o gongo soou. Novas cores, novos sons, novos ritmos. Ela floresceu!
- Uns quarenta anos mais tarde, as Irmãs do Japão foram para Nepal. Necessidade desesperadora para educação. Novas cores, novos sons, novos ritmos. Ela floresceu . . . e o gongo continua a soar de novas formas, enquanto a missão lá responde a necessidades que se desdobram.
- E, aproximadamente 45 anos atrás, Irmãs da América do Norte foram ao continente da África. O som do gongo lá é novo/recente e forte. Novas cores, novos sons, novos ritmos. Ela floresce . . . agora se expandindo como província. . .

Queridas Irmãs, nossa situação hoje requer ... um *novo* som do gongo baseado numa leitura profunda e comunitária dos sinais dos tempos e as necessidades urgentes da nossa época! Devemos levar em conta de quem somos, e quem não somos, em cada lugar.

Assim, para invocar o carisma, descobrir o que é fazê-lo acontecer - são necessárias três condições:

- ❖ Precisamos estar enraizadas/formadas na nossa história profunda, nossa maneira particular de viver o Evangelho, o seguimento de Cristo. [ nossa profunda história está expressa em articulações privilegiadas do nosso carisma (assim como em *Vós Sois Enviadas*); em palavras e acontecimentos particulares da vida de Madre Teresa; em exemplos de outras grandes mulheres na nossa história; e assim por diante. Em outras palavras, nossa identidade congregacional é reconhecida em palavras, expressões, exemplos, memórias que acendem um fogo nos corações das Irmãs Escolares. Sempre que as ouvimos, algo ressoa em nós. Nosso coração se abre e nós nos reconhecemos. Isso somos nós. Isso é estar em casa.]
- ❖ Precisamos estar profundamente inseridas na nossa cultura, nosso mundo, reconhecer suas necessidades urgentes, experimentar suas paixões e anseios (não se acomodando à cultura, mas também não ficar objetivamente à margem).
- ❖ Nós precisamos “soar o gongo” isto é, responder às necessidades, de maneira efetiva, que é possível para nós, hoje.

Para irmos em frente, precisamos observar estas condições do carisma *juntas*, no discernimento comum e na tomada de decisões sobre nosso futuro. Isto precisa acontecer em cada província, apoiado, e muitas vezes, orientado por nosso Conselho Geral. E naturalmente, existem algumas coisas, que sinto, devemos fazer como congregação – (especialmente, tudo aquilo que envolve a implementação dos Atos do 23º Capítulo Geral, esses passos concretos e interconectados para o futuro).

## **Implicações. . . uma orientação para reflexão e diálogo**

Ao encerrar, eu gostaria de sugerir uma conexão potencialmente frutífera entre nossa identidade congregacional e os temas que vão estudar hoje e amanhã.

Quando olhamos a assim chamada vocação “profética” da vida religiosa, vimos que ela nasce de uma profunda experiência de Deus – uma experiência fundacional – que se relaciona, muito de perto, aos momentos críticos na história da Igreja e da sociedade. Lembrem as mudanças culturais acontecendo na época do surgimento dos Mosteiros, a fundação das Ordens Mendicantes, depois Ordens Apostólicas, e por fim, nossos Institutos modernos.

Esta é uma reflexão muito importante e apresenta uma oportunidade clara para falar sobre *nossa* identidade congregacional.

A história da vida religiosa revela que cada época de mudança cultural profunda convocava a Igreja para uma nova consciência de si e da sua missão no mundo, a missão da Igreja era melhor servida por aquelas comunidades que encontravam novas expressões da pobreza evangélica. Isso é verdade tanto para os homens como para as mulheres que formaram as primeiras comunidades monásticas, dos seguidores de São Francisco e Clara de Assis (isto é, os Mendicantes), e os seguidores de Santo Inácio de Loyola (uma das primeiras Ordens Apostólicas).<sup>15</sup>

Junto a estas grandes tradições, a tradição estabelecida pelo Bispo Wittmann, Padre Job, e Madre Teresa pode ser mais humilde, porém é de enorme influência no seu alcance mundial e na sua visão mundial. Suas idéias/inspirações e convicções são claramente parte da história de como a vida religiosa serviu a missão da Igreja, a missão de Deus. Suas inspirações e convicções continuam a dar inspiração a nós, que as seguimos.

Se levarmos a sério, o fato de que Bispo Wittmann, Padre Job e Madre Teresa consideravam a pobreza como fundamento da nossa congregação, se nós afirmamos o quanto a pobreza evangélica é central para a vida da nossa Congregação hoje e sempre, eu estou convencida que concordamos que essa tradição nos oferece uma identidade corporativa que inspira tanto os nossos ministérios como nossos programas de formação. Isso significa que nós mesmas somos pobres; dependemos de Deus e umas das outras, e servimos aos pobres *e/ou* nas situações onde o futuro dos pobres é decidido.

Nos escritos de Madre Teresa, temos inúmeras expressões da nossa identidade congregacional, que ressoam em nós e nos inspiram. Há uma expressão, em particular, que eu acho especialmente apropriada para nós hoje. Vocês podem lembrá-la do Relatório sobre a Situação da Congregação no 23º Capítulo Geral.

*Unidas e contentes com pouco, nós vamos para todo o mundo, nas menores vilas, aos casebres mais pobres, onde quer que o Senhor nos chame, para levar aos pobres a boa nova do Reino de Deus. (veja: Confiar e Arriscar, outubro 17)*<sup>16</sup>

As palavras são de uma carta antiga, escrita em 1839, para o Arcebispo de Munique, quando Madre Teresa ainda vivia em Neunburg vorm Wald e, ao mesmo tempo, procurando um lugar adequado em Munique para estabelecer a Casa Mãe.

A carta é longa, porque nela Madre Teresa descreve, em linhas gerais, o que é necessário para as irmãs viverem sua vida religiosa com integridade e serem capazes de responder às necessidades educacionais urgentes da sociedade daquela época. Ela comunicou ao Arcebispo todos os desafios enfrentados pela congregação, a “obra de Deus” como ela a chamava. Sua carta termina com estas palavras:

*Unidas e contentes com pouco, nós vamos para todo o mundo, nas menores vilas, aos casebres mais pobres, onde quer que o Senhor nos chame, para levar aos pobres a boa nova do Reino de Deus.*

Que resumo emocionante para o que somos chamadas a ser! Soa verdadeiro em nós. Ressoa em nossos corações. O que isso significa hoje? Refletindo sobre essa pergunta pode dar orientação a tudo!

---

<sup>15</sup> Eu estou em dívida a um artigo do Rev Donald N. Power, OMI, por lembrar-me da sua realidade histórica. Ele disse isso numa palestra na Conferência de Formação dos Oblatas, em março de 1987. A palestra tinha como título: “Vida Evangélica dos Oblatas como uma Resposta Cultural.”

<sup>16</sup> Carta 144